

ENCÍCLICA PATRIARCAL PARA A SANTA PÁSCOA




Protocolo 289

✠ BARTOLOMEU
PELA MISERICÓRDIA DE DEUS
ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA-NOVA ROMA
E PATRIARCA ECUMÊNICO

A TODO O PLEROMA DA IGREJA:
QUE A GRAÇA, A PAZ E A MISERICÓRDIA DE CRISTO
GLORIOSAMENTE RESSUSCITADO
ESTEJAM COM TODOS VÓS!

Tendo completado o rico tempo da Quaresma e venerado a Paixão e a Cruz do Senhor, eis que hoje nos tornamos partícipes de Sua gloriosa Ressurreição, radiantes pela festa e proclamando com alegria inefável o anúncio que salva o mundo: «Cristo Ressuscitou!»

Tudo o que cremos, tudo o que amamos e tudo o que esperamos como cristãos ortodoxos está associado à Páscoa, da qual deriva toda a sua vivacidade, através da qual tudo é interpretado e na qual tudo adquire seu verdadeiro significado. A



ressurreição de Cristo é a resposta do amor divino à angústia e à expectativa do homem, mas também ao «anseio» da criação que geme conosco. Na Ressurreição, foi revelado o significado do «*façamos o homem à nossa imagem e semelhança*»¹ e de «*Deus viu tudo o que fez e viu que era muito bom*»².

Cristo é «nossa Páscoa»³, «a ressurreição de todos». Se a queda compreendeu a suspensão de nossa jornada em direção à «semelhança divina», no Cristo ressuscitado o caminho para a deificação pela graça é mais uma vez aberto para «o amado de Deus». O «grande milagre» é realizado, o que cura a «grande ferida», a humanidade. No ícone emblemático da Ressurreição no Mosteiro de Chora, vemos o Senhor da glória, que desceu «às profundezas do Hades» e conquistou o poder da morte, para se levantar do túmulo como doador de vida, ressuscitando consigo os antepassados da humanidade e neles toda a raça humana do começo ao fim, como nosso libertador da escravidão do inimigo.

Na ressurreição, a vida em Cristo se revela como libertação e liberdade. Pois “Cristo nos tornou livres ... para a liberdade”⁴. O conteúdo, o «ethos» de tal liberdade, que deve ser experimentado aqui de maneira condizente com Cristo, antes de ser aperfeiçoado no reino celestial, é o amor, a quintessência experiencial da «nova criação». «*Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis então da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pelo amor*»⁵. A liberdade de um fiel, alicerçada na Cruz e na Ressurreição do Salvador, é uma jornada para cima e


¹ Gn 1: 26.

² Gn 1: 31.

³ 1 Cor 5: 7.

⁴ Gal 5: 1.

⁵ Gal 5:13



em direção ao nosso próximo; é «a fé que opera pelo amor»⁶. É um êxodo do «Egito da escravidão» e das diversas alienações, rumo à transcendência do Cristo, de uma existência introvertida e murcha, rumo à esperança da eternidade que torna o homem humano.

Ao celebrarmos a Páscoa, confessamos na Igreja que o Reino de Deus «já foi inaugurado, mas ainda não se cumpriu»⁷. À luz da Ressurreição, as coisas terrenas assumem um novo significado, porque já estão transformadas e transfiguradas. Nada é simplesmente «dado». Tudo está em movimento em direção à perfeição escatológica. Esta «corrida desenfreada» para o Reino, vivida especialmente na assembleia eucarística, por um lado, salvaguarda o povo de Deus da indiferença da presença do mal na história, e por outro lado, salvaguarda o povo de Deus do esquecimento das palavras do Senhor: «o meu reino não é deste mundo»⁸. Esta é a diferença e a marca entre o «já» e o «ainda não» da vinda do Reino, de acordo com a expressão mais teológica de que «O Rei veio, o Senhor Jesus, e o seu reino está por vir»⁹.


A principal característica dessa liberdade concedida por Deus ao fiel é o pulso de ressurreição implacável, a vigilância e o dinamismo dessa liberdade. O seu carácter de dom da graça não só não restringe, mas de fato manifesta o nosso próprio consentimento a este dom, e fortalece o nosso caminho e a nossa conduta para esta nova liberdade, que contém também o restabelecimento da nossa relação alienada com a criação. Aquele que é livre em Cristo não está preso como «os que já dormem»

⁶ Gal 5: 6.

⁷ Georges Florovsky, *Bíblia, Igreja, Tradição*, Belmont MA: Nordland Publishing, 1972, 36.

⁸ Jo 18: 36.

⁹ Florovsky, op. cit., 72.



como «os demais, que não têm esperança»¹⁰. Nossa esperança é Cristo, a existência cumprida em Cristo, o brilho e resplendor da eternidade. Os limites biológicos da vida não definem sua verdade. A morte não é o fim de nossa existência. *«Que ninguém tema a morte, pois a morte do Salvador nos libertou. Mantida prisioneira a morte, Ele a aniquilou. Aquele que desceu ao inferno, aprisionou a morte»*¹¹. A liberdade em Cristo é «a outra criação»¹² do homem, a antecipação e modelo do cumprimento e plenitude da Economia Divina no «agora e sempre» do último dia, quando os «benditos do Pai» viverão face a face com Cristo, «vendo o Cristo e sendo vistos por Cristo, enquanto desfrutam das alegrias sem fim que vem Dele»¹³.

A Santa Páscoa não é apenas uma festa religiosa, embora seja a maior festa para nós ortodoxos. Cada Divina Liturgia, cada oração e súplica dos fiéis, cada festa e comemoração dos Santos e dos Mártires, cada veneração aos ícones sagrados, a «alegria abundante» dos cristãos (2 Cor 8:2), cada ato de amor sacrificial e fraterno, cada resistência à tristeza, cada esperança que nunca decepciona o povo de Deus, é uma festa da liberdade. Tudo isso irradia a luz pascal e exala o perfume da Ressurreição.

Com este espírito, então, enquanto glorificamos o Salvador do mundo, que venceu a morte pela morte, transmitimos a todos vós - nossos mais honrados, Irmãos em todo o Orbe e nossos queridos filhos da Igreja Mãe - uma saudação festiva e, com uma só voz e um só coração, alegremente vos abençoamos em Cristo por todos os séculos.

¹⁰ 1 Tes 4: 13.

¹¹ Da homilia catequética de São João Crisóstomo sobre a santa e gloriosa ressurreição.

¹² Gregório, o Teólogo, *Poemas Éticos* 61.

¹³ João de Damasco, *Uma Exposição Exata da Fé Ortodoxa*, IV. 27

Dado no Fanar, Santa Páscoa de 2021

✝ Bartolomeu de Constantinopla
Fervoroso suplicante por todos vós
ante o Cristo ressuscitado.

Tradução: Pe. Pavlos, Hieromonge

